

São Mateus: recanto capixaba com ares baianos

Segundo a história, a Vila de São Mateus foi criada como uma extensão da província de Porto Seguro, na Bahia

Texto e fotos SANDRA PACHECO

São Mateus poderia ganhar o título de “a mais baiana das cidades capixabas”. Quem chega do Sul da Bahia se sente em casa.

Essa semelhança cultural, social e arquitetônica, contudo, não veio apenas da proximidade física – a cidade está a apenas 63 quilômetros da di-

visa com a Bahia. O entrelaçamento das raízes mateenses com as baianas surgiram antes mesmo da cidade, quando havia apenas um pequeno povoado, próximo a um rio caudaloso, em uma região habitada por índios.

Nem sempre São Mateus pertenceu ao Espírito Santo. A Vila de São Mateus foi criada como uma extensão da província de Porto Seguro, Bahia. Foi com os padrões que moldaram a população de lá que São Mateus se desenvolveu. As primeiras famílias que vieram para a cidade, estavam, anteriormente, sediadas em Porto Seguro. E antes que pensem em expansão, é bom esclarecer que o objetivo era justamente o contrário: impedir que os colonos chegassem ao interior do país (ver quadro abaixo).

Quem melhor narra essa parte da história da cidade são os historiadores Eliezer Nardoto e Herinéia Lima, no livro História de São Mateus. Naquela época, o governo geral do país ficava em Salvador. Partiu do Marquês de Pombal, governador-geral do Brasil, a ordem para que o ouvidor-geral da Capitania de Porto Seguro, Tomé Couceiro de Abreu, colonizasse a região, catequizasse índios e fundasse vilas. Isso aconteceu em 1764. Até 1823, a vila pertenceu à Ouvidoria de Porto Seguro.

“Então, São Mateus começa a ter uma administração seme-

ELO. O mercado da cidade, com sua diversidade de temperos e cores, retrata as semelhanças na cultura.

Regiões unidas pela culinária

Com uma culinária tão rica e saborosa, a Bahia não poderia ficar sem deixar sua herança nas cozinhas de São Mateus. Quem chega de outros Estados à cidade costuma se surpreender em encontros, festas e aniversários. Afinal, bobó de camarão é cardápio capixaba? Em São Mateus é, com certeza. O baiano nascido na região de Salvador, contudo, vai notar e denunciar diferenças. O bobó mateense é mais claro, o vatapá é menos firme. Foi o que observou a baiana Sandra Luzia Ribeiro, quando chegou a São Mateus, há 28 anos. “Nem tudo que se faz lá em Salvador a gente vê por aqui, como caruru, por exemplo”.

Mesmo depois de ter fechado a lanchonete que tinha no Centro, Sandra pára um dia da semana para fazer e vender acarajé na garagem de casa. Toda quinta-feira, um público cativo rende-se ao forte



O QUE É QUE A BAIANA TEM. A baiana Sandra Luzia Ribeiro prepara e vende acarajé, toda quinta-feira, na garagem de casa

ainda mantém alguns aspectos culturais próximos com a Bahia, como os folgedos. “Mas essa ligação musical perdeu-se com o tempo. O lado mais forte, economicamente mais in-

Mercado é símbolo da influência

Com um rio e um porto que comportava navios, a vila atraiu muitas pessoas e tornou-se um importante entreposto entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Cresceu e tornou-se uma importante cidade, com orgulho de ser capixaba. Mas ainda hoje os reflexos dessa geminção podem ser vistos nos hábitos, na cultura e na arquitetura. Mas, se fosse para eleger um símbolo dessa influência, o mercado ganharia o posto, seja pelo colorido das bancas de comércio, seja pelo sabor e o aroma que os temperos remetem ou pela tradição (que resiste apesar de crescentes mudanças) de comprar mantimentos diversos nessa grande feira popular.

O mercado municipal de São Mateus é, na avaliação do historiador Eliezer Nardoto, uma representação viva da importância e da ligação econômica que a cidade teve com a Bahia. “Comercialmente estávamos muito mais ligados a Porto Seguro do que ao Rio de Janeiro, que por ser mais próximo de Vitória poderia nos influenciar também”, ressalta.

Andando pelos corredores do mercado encontramos o feijão-fradinho, o beiju, a farinha de goma, o tempero baiano para carnes. “Essa mistura de temperos é minha família mesmo que faz”, explica dona Alzira Oliveira, 57, que não tem nenhum parente baiano e nunca morou na Bahia. “Estou há 38 anos aqui no mercado, e quando a gente fala que um produto é da Bahia a saída parece que é melhor”, justifica.

Entre os comerciantes do mercado, não é raro encontrar quem compre produtos baianos para vender na cidade. O vermelho do urucum pilado e a farinha vendida a granel nas sacas dão cor e reforçam os laços entre as duas regiões.

or-geral do Brasil, a ordem para que o ouvidor-geral da Capitania de Porto Seguro, Tomé Couceiro de Abreu, colonizasse a região, catequizesse índios e fundasse vilas. Isso aconteceu em 1764. Até 1823, a vila pertenceu à Ouvidoria de Porto Seguro.

“Então, São Mateus começa a ter uma administração semelhante a de Porto Seguro. A Coroa doa terrenos e procura atrair famílias para povoar a área. Mas havia uma ressalva: Tomé Couceiro de Abreu deveria incentivar o desenvolvimento, desde que as famílias se situassem no entorno da sede, para o mar”, destaca Eliezer. Tudo para evitar que subissem o Rio São Mateus e chegassem a Minas Gerais, com seu ouro e pedras preciosas.

Mateus, há 28 anos. “Nem tudo que se faz lá em Salvador a gente vê por aqui, como caruru, por exemplo”.

Mesmo depois de ter fechado a lanchonete que tinha no Centro, Sandra pára um dia da semana para fazer e vender acarajé na garagem de casa. Toda quinta-feira, um público cativo rende-se ao forte tempero da iguaria.

Na música, essa influência é motivo de controvérsias. Para falar em influência baiana na música de São Mateus, a imagem instantânea dos trios elétricos pode gerar uma falsa realidade. Pelo menos na opinião de alguns músicos da terra. “Essa influência não é tão natural assim”, avalia o músico Jorginho Aguiar.

Ele concorda que a cidade

baiana Sandra Luzia Ribeiro prepara e vende acarajé, toda quinta-feira, na garagem de casa

ainda mantém alguns aspectos culturais próximos com a Bahia, como os folguedos. “Mas essa ligação musical perdeu-se com o tempo. O lado mais forte, economicamente mais interessante, sufocou a tradição. De dez bandas que se formam na cidade, nove são de axé.”

A cidade tem dois grupos de jongo e cerca de 15 grupos de reis de boi. Essas manifestações são vistas só em datas festivas, geralmente nas ruas do Porto, região que mais se assemelha, do ponto de vista arquitetônico, com a tradição baiana de construir casas sem muros, com a porta diretamente na rua.

é melhor”, justifica. Entre os comerciantes do mercado, não é raro encontrar quem compre produtos baianos para vender na cidade. O vermelho do urucum pilado e a farinha vendida a granel nas sacas dão cor e reforçam os laços entre as duas regiões.

CARTA DO MARQUÊS DE POMBAL

■ **Trechos.** Confira trechos da carta do Marquês de Pombal, governador-geral do Brasil, ao ouvidor-geral de Porto Seguro, Tomé Couceiro de Abreu:

■ “Instruções para o ministro que vay criar a nova ouvidoria da Capitania de Porto Seguro:

■ ...Huma das partes principaes daquella Capitania he o importante Rio de S. Matheus no qual, além de se dizer que há preciosas madeiras para constructuras de Naus, se afirma que decorrendo pela Serra dos Christaes, tras o seu nascimento das Minas do Serro do Frio. E como os novos moradores, que se forem estabelecer nas margens do dito rio, achando a noticia de que por elle podem hir aquellas preciosissimas terras não cuidarão em outra couza alguma, se não a de se passarem a ellas, deve V. Mercê por hora vigiar com todo o cuidado que nenhum passe daquelles limites, que V. Mercê lhe assignar athe nova ordem de S. Majestade.

Não deve V. Mercê, nem pela imaginação passar o objecto de ir fazer o descobrimento de Minas, mas antes se deve aplicar muito seriamente, depois dos estabelecimentos das novas Villas que puder erigir, e da educação dos seus novos habitantes; na cultura dos frutos para se sustentarem com abundância, não só os Moradores das mesmas terras mas fazerem o commercio delles para a Bahia e Rio de Janeiro...”